

a marca do dragão

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

Aos meus rapazes e ao meu marido, que são a minha vida e que me acompanharam durante inúmeras dores. Aos meus leitores, que são como família, e aos meus amigos por me manterem sã. Obrigada a todos por fazerem parte da minha vida.

E, como sempre, a Monique, Alex, Robert, John, Eric, Ervin, Mark, Nancy, Angie, Jen e todos em St. Martin's e na Trident que trabalham com um afinco tão incrível nos livros para os tornar realidade. E à Equipa MB: Kim, Paco, Lisa e Carl, e a todos os voluntários que mantêm as coisas a correr na perfeição! Vocês são os melhores!

Prólogo

Samotrácia, Grécia
9501 a.C.

— OS SACANAS cortaram-lhe a garganta. Abriram por completo as suas cordas vocais.

Materializando-se das profundezas geladas do seu covil, Falcyn praguejou ao ver o irmão, Maxis, a arrastar Illarion para a toca escura atrás de si. Durante anos, tinham procurado o irmão-dragão mais novo, que fora capturado pelos humanos sabe-se lá para que horrores dantescos. Mas não tinham conseguido encontrar rasto do jovem dragão.

Até àquele momento.

Tão grande que quase não cabia na entrada da gruta, Maxis largou o irmão mais novo e permitiu que Illarion tombasse ao chão. O sangue cobria-lhe as escamas de um tom laranja amarelado. Ambas as asas estavam partidas e inúteis contra o frio chão de terra.

A respiração era fraca, e enquanto lutava desesperadamente por se manter consciente, Illarion pestanejava os seus serpentinos olhos amarelos lentamente. Dolorosamente.

Tanto sofrimento desnecessário — este radiava da criança até ao âmago de Falcyn. E levou os seus olhos a assumirem um vermelho vibrante à medida que a sede de sangue crescia em si. Sabendo que não podia cuidar do irmão no seu corpo de dragão nativo, Falcyn mudou para a odiada forma de um humano.

Mal o fez, Illarion emitiu um silvo gorgolejante e rolou para uma posição de ataque, pese embora fosse, decerto, agonizante para ele mover-se.

— Calma, irmãozinho. — Falcyn falava no seu *drakyn* nativo, a verdadeira língua falada por todos os dragões. Uma língua que soava selvagem e ininteligível aos seres humanos.

Estendeu a mão para Illarion numa oferta de paz. Ainda que utilizasse temporariamente a pele de um homem, Falcyn era, e seria sempre, um dragão de alma e coração.

— Tu conheces-me. Preciso desta forma para te curar. Agora, acalma-te antes que faças mais danos.

Uma lágrima de medo, cristalina e solitária, deslizou pelo canto do olho serpentino de Illarion.

Nesse momento, Falcyn odiou a humanidade mais do que nunca: algo que jamais acreditara possível. Estendeu o braço para acariciar o focinho de escamas cinzentas de Illarion.

— Chiu...

Illarion recuou, depois deixou-se cair.

Maxis arquejou, enquanto tocava suavemente com o focinho no dragão muito mais pequeno e apertava as suas próprias asas contra o corpo dele.

Ignorando o facto de que Max era um dragão bestial e gigantesco, capaz de o engolir de um trago na sua atual encarnação, Falcyn afastou a cabeça de Max.

— Desmaiou devido à dor, Yaya. Agora afasta o teu pesado traseiro, para que o possa ajudar.

Max afastou-se para lhe dar mais espaço.

— Sobreviverá?

— Não sei. Onde o encontraste?

— Não encontrei. Foi ele que me encontrou. — A culpa e a agonia assombravam os olhos de Max. — Ele já não pode lançar o seu Grito de Bane. Os sacanas tiraram-lhe a capacidade para nos chamar quando lhe cortaram a garganta.

Falcyn cerrou os dentes, à medida que a raiva consumada crescia, trespassando-o.

— Nesse caso, ensinar-lhe-emos uma nova forma de nos chamar. Uma que não possam impedir.

Max acenou com a cabeça e afastou o olhar.

— A culpa é minha.

— Não!

— É e tu sabe-lo. A minha mãe entregou-o aos humanos para se vingar de mim, pelo que lhe disse. Se eu tivesse cooperado... se lhe tivesse dado o que ela...

— Ela teria lixado o mundo, e ele não deixaria de pagar pela crueldade dela. Os *lilitu* não têm a capacidade de cuidar das suas crias. Sabes disso. A minha própria mãe assistiu enquanto me sacrificavam aquando do meu nascimento. Tudo o que fez foi ensinar-me que estamos nesta vida sozinhos, do berço à cova, e a tornar-me amargo e revoltado.

Max engoliu em seco antes de voltar a falar.

— É por isso que assumes a forma humana, quando mais nenhum dragão o consegue fazer?

Falcyn não respondeu à pergunta. Era a única coisa de que jamaisalaria. A quem quer que fosse.

Ninguém precisava de saber nada acerca dele. Nem mesmo aqueles que considerava seus irmãos.

Nem era o único dragão capaz de mudar de forma...

Mas havia muitas coisas que os seus irmãos e irmãs não precisavam de saber acerca deste mundo.

— Os seus ferimentos físicos não são muito maus — disse, mudando de assunto. — Devemos conseguir curá-lo.

— Mas?

— Ele não passa de uma criança. Temo os danos mentais que lhe possam ter provocado.

— Tal como eu. Estavam a usá-lo para travar as suas guerras. A montá-lo como se fosse uma besta inconsciente.

Falcyn estremeceu. Era pena que Illarion não fosse um *drakomas* adulto. Essa era a fúria que os humanos mereciam.

Não a criança pequena que jazia impotente a seus pés. Uma incapaz de os combater plenamente e de lançar sobre eles o fogo e a fúria de dragão que mereciam.

Nesse momento, sentiu o demónio dentro de si a erguer-se. Desejava incendiar o mundo e vê-lo arder até não restarem senão cinzas. Se a humanidade tivesse ideia da quantidade de vezes que o tentavam a lançar sobre eles a destruição, jamais voltaria a dormir.

Em alturas como aquela, tinha de recorrer a toda a sua força de vontade para não ceder à escuridão que ardia dentro de si, apelando aos corações e às almas de todos os seres sencientes.

Incluindo os deuses.

Era isso que tornava tão difícil relacionar-se com Maxis.

Parte *arel*, era o seu oposto direto. Tudo o que via era o bem, mesmo dentro do que havia de mais corrupto.

Era doentia, na realidade. A maneira como o irmão queria ajudar os outros. Essa necessidade inata de Max de proteger e servir. Era sempre revoltante.

Agora Illarion tivera a sua primeira experiência do que era a humanidade. E como a de Falcyn, fora uma refeição deveras amarga. Se o pequeno dragão sobrevivesse, não teria em si o sangue de Max que o faria desejar proteger os vermes humanos que o haviam torturado.

O pai de Illarion era o deus grego Ares. Um deus da guerra. Os humanos não faziam ideia daquilo em que se tinham metido. Com o sangue que corria nas suas veias, Illarion tornar-se-ia um dos mais fortes da sua espécie, quando atingisse a maioridade.

Um dragão de poderes ferozes e sem par.

A mão de Falcyn demorou-se na marca nas costas do irmão, que os humanos haviam aplicado a Illarion, como se este fosse uma cabeça de gado. Estava infetada e sangrava.

Infelizmente, deixaria uma cicatriz tão feia no seu corpo, como toda aquela provação deixara na psique do irmão.

Que os deuses tivessem misericórdia de todos eles...

Pois Illarion não teria.

Capítulo

UM

Dia de S. Jorge, 619

— **SE** te pusesses a andar aparvalhada, atrevo-me a dizer que a maioria dos candidatos poderia ter uma hipótese contra ti.

Edilyn ferch Iago refreou uma gargalhada perante as palavras inesperadas de Virag.

— Chiu... já me metes em problemas suficientes.

Pouco maior do que o indicador dela, Virag ergueu os olhos, com um sobrolho alçado numa expressão inocente.

— Não tenho culpa se o resto destes pacóvios são demasiado tolos para ver a tua exuberância mesmo à sua frente. — Andando ao longo do parapeito gasto e de má qualidade, troçou das vozes da aldeia que ouvia passar pela janela aberta, fazendo caretas e gestos rudes para acompanhar as suas conversas inócuas. Edilyn teve de recorrer a todas as suas forças para não se rir à gargalhada.

— Para, ou terei de te obrigar a regressar ao teu frasco.

Virag fungou, com desdém.

— Como se *isso* fosse uma ameaça. Gosto do meu frasco. É muito melhor do que estar aqui fora com estas... — olhou de relance pela janela, para a rua, e torceu o nariz — ... pessoas. — Com um violento estremecimento, sentou-se no parapeito para a fitar com uma expressão de desagrado ainda maior. Uma brisa suave agitava-lhe as delicadas asas douradas. — Porque estás outra vez assim vestida?

— Dia de S. Jorge.

— Ah! — Virag deu um suspiro longo e cansado. — Este ano passou depressa. Quais são os teus planos para seres inaceitável para os dragões, desta vez?

Mordendo o lábio, ela avançou e revelou o pequeno frasco que tinha comprado à velha bruxa que vivia no limite da floresta. Estendeu-lho.

— É o cheiro das entranhas putrefactas dos ursos.

Virag emitiu um violento som de protesto antes de cair para trás, batendo com um baque surdo no parapeito.

— Isso serve. — Emitiu sons engasgados entre golfadas de ar. — Sim. Por favor... lava isso da pele antes desta noite. Os meus olhos estão a lacrimejar. E a arder, também. — Cruzando os olhos, espetou a língua de fora e fingiu que morria, deixando um braço e uma perna pendurados do parapeito, enquanto continuava a tossir e arquejar.

Edilyn riu-se do meio-irmão e das suas caretas. Era difícil levá-lo a sério no seu estado natural como trasgo alado, de pele dourada, cabelo e olhos dourados. Naquela forma, tinha uma beleza etérea e muito diferente da criatura sombria e aterrorizante em que ela sabia que ele se poderia transformar.

— Que tipo de *pixie* és tu?

— Não sou um *pixie* — vociferou, indignado, agitando para ela as pernas cobertas de pelo. — *Kikimora!* Credo! Inalar esses vapores já te perturbou a cabeça. Mais um pouco e ficarás tão pateta como aqueles tolos lá fora.

Edilyn fungou.

— Como se não cheirasses pior do que isto, normalmente.

Ele riu-se.

— Só quando estou embriagado com bagas de sabugueiro ou amoras... ou... — Fez uma pausa para considerar a verdade da afirmação dela. — Bem, talvez tenhas razão. — Sentando-se, dobrou o joelho e pousou nele o queixo coberto de pelo, para a observar, enquanto ela acabava de aplicar o cinto ao seu fato desconexo. Ele era diabolicamente belo com o cabelo curto, espetado, e as feições angulares. Mas era a sua personalidade e a maneira como sempre cuidara dela que mais a faziam amá-lo.

Desde o dia em que ele aparecera por artes mágicas no seu quarto, três dias após a morte do pai dela, que se dedicava de alma e coração ao irmão mais velho. Não havia nada que não fizesse por ele.

Não que ele precisasse da sua ajuda, tendo em conta a dimensão dos seus poderes divinos. Sinceramente, não fazia ideia do porquê de ele ter aparecido junto dela, nem de aí continuar. Gostava de pensar que ele a amava, mas as histórias diziam que as criaturas da sua espécie eram incapazes de sentir tais

coisas. Os espíritos dantescos imortais estavam, supostamente, privados de quaisquer emoções ternas.

Eram antes criaturas egoístas, vaidosas, que usavam as fraquezas humanas para se aproveitarem dos outros. Para manipular os seres humanos em nome dos deuses e dos poderes superiores, os quais serviam como escravos ou com os quais negociavam.

Contudo, apesar das suas ameaças aleatórias e mal-humoradas, permanecia ao seu lado. Sempre leal. Sempre carinhoso e gentil com ela.

Era tal como a mãe de ambos, que tinha sido uma *kikimora* como ele. Só que a mãe fizera um pacto e abdicara da sua vida imortal para se tornar humana e poder casar com o pai de Edilyn.

Era algo de que nunca falavam, pois enfurecia Virag de uma maneira diabólica.

— Que tal estou? — Edilyn deu uma volta e abriu os braços para lhe mostrar a roupa que usaria durante o dia.

Ele deu uma gargalhada, ruidosa e desagradável, que a teria ofendido se não fosse essa a reação que procurava.

— Ridícula.

Edilyn sorriu, levando a mão ao elmo com cornos.

— Ótimo. Era essa a reação que procurava.

Virag emitiu um som de desagrado absoluto e doloroso.

— Em nome de todo o Samhain, que raio é *isso* na tua cabeça?

— O meu elmo de batalha.

Virag contorceu o rosto numa máscara de horror.

— E o que és tu? Uma vaca?

— O que foi? — Edilyn fingiu inocência. — Os dragões têm cornos.

Estou a tentar integrar-me.

— Tu não és um dragão. — O seu tom de voz era monocórdico e seco.

— É verdade.

Virag emitiu mais um gemido carregado de dor.

— Graças aos deuses que os teus pais já morreram. Tremo só de pensar o que diriam se te pudessem ver assim.

Ela deitou-lhe a língua de fora.

— Não tens nenhuma velha para assustar e atormentar?

Virag coçou o queixo e baixou as pernas, deixando-as a balançar sobre o parapeito da janela.

— Nem por isso. Prefiro atazanar-te. É muito mais divertido.

— Excelente. — Ela suspirou, cansada.

Quando se preparava para aplicar o cheiro a entranhas na pele, Virag impediu-a.

— A sério, querida... seria demasiado. Tendo em conta a hediondez dessas roupas ridículas, não precisas também de cheirar mal. Dragão algum vai escolher *alguém* que use esse *scytel*. Será uma sorte se não fugirem todos quando te virem aproximar. O mais certo é que abandonem o salão como se este estivesse em chamas. É até possível que abandonem Ynys Prydein.

Ela tapou o frasquinho e voltou a sorrir.

— Ótimo. — A última coisa que queria era ser obrigada a acasalar com uma criatura híbrida que tinha comido o pai dela. E provavelmente também o dele. — Não compreendo porque precisamos deles para o nosso exército. Qual é o mal de montarmos cavalos?

— Para começar? Não conseguem voar. — Virag agitou as asas. — Algo que me agrada bastante fazer, e que recomendo muitíssimo. Coitadinha de ti, tão carenciada.

— E depois? Há muito a dizer em prol de manter os dois pés firmemente fixos ao chão. Não posso partir uma asa e cair de uma altura de mais de noventa metros, estilhaçando todos os ossos e aterrando numa grande mancha ensanguentada que terá de ser raspada do chão mais tarde.

— A segunda razão? — prosseguiu ele, ignorando a interrupção. — Os cavalos tendem a incendiar-se quando são atacados pelos dragões que cospem fogo sobre eles. Isso não acontece com os outros dragões. Eles ripostam.

Virag tinha razão. Ainda assim, não estava disposta a ceder.

— Os cavalos ocupam muito menos espaço e não comem até ficarmos sem teto.

— Não ia assim tão longe. Os cavalos comem bastante, incluindo sapatos.

— Humph. — Edilyn torceu o nariz, enquanto prendia a espada à cintura. — É uma tradição idiota precisamente no dia em que se celebra um santo conhecido por matar dragões, não te parece?

— Talvez. Mas é mais uma celebração de domesticação. O domínio do homem sobre a besta, e essas tretas.

— Acreditas mesmo nisso?

— Estás a perguntar a um demónio dos pesadelos se acho que um dragão pode ser domado por um mero mortal? Claro. Porque não? Eu alinho. Já vi coisas muito mais estranhas durante a minha vida: como uma *kikimora* que abdicou da sua imortalidade para ser uma mísera agricultora, num reino que não passa de uma aldeia no meio da floresta de que nunca ninguém ouviu falar. Penllyn... a sério?

Ela revirou os olhos perante o sarcasmo com que ele falava da decisão da mãe, pela qual ainda a culpava. Entretanto, a sonhadora em Edilyn achava que era a coisa mais romântica de que alguma vez ouvira falar.

Ainda que não tivesse sido a mais prática, tendo em conta o que custou à mãe.

E ao pai, também.

Infelizmente, ela nunca conhecera um homem tão honrado quanto o pai. Nem tão apaixonado e feroz. A existir algum, sem dúvida que não vivia em Penllyn. Não era de admirar que a mãe tivesse sentido tanta relutância em abandonar um indivíduo tão raro quanto o pai. Um tal unicórnio merecia ser estimado e mantido.

Edilyn lançou um sorriso sonhadora a Virag.

— Só queria ser uma guerreira por direito próprio. Tal como o meu pai.

— Então também o desejo para ti.

— Obrigada.

— Não tens de quê. Que possas nunca te arrepender das decisões que tomas. — E dito aquilo, ergueu-se e voou do parapeito para o pequeno frasquinho verde-escuro que era a sua casa. Num relâmpago de luz branca, desapareceu no seu interior.

Edilyn pegou cuidadosamente no frasquinho e passou o espesso cordão de cabedal preto pela cabeça, colocando em seguida o frasquinho no bolso da túnica.

— Não consigo ver. Deixa-me sair!

— Tens a certeza?

— Absoluta. Quero testemunhar em primeira mão a palhaçada que se segue.

Rindo-se do seu tom seco, ela fez-lhe a vontade e deixou o pequeno frasco pendurado no exterior da túnica cor de laranja, para que ele pudesse ver, pendurado ao seu pescoço. Depois, agarrou no arco que o pai lhe fizera, para poder sair para o Grande Salão, onde as celebrações do dia deveriam estar já a decorrer.

Mas, como sempre, o seu coração não estava nas festividades, e não o sentia leve, de modo algum.

— Porque será a maldição da humanidade que os sonhos mais queridos das nossas vidas sejam os mais difíceis de alcançar? — Edilyn suspirou ao terminar a pergunta retórica que há anos a assombrava. Uma mulher sã há muito teria desistido e abdicado daquela inútil demanda do seu coração.

Se ao menos fosse sã...

Inspirando fundo, olhou à sua volta, para o quarto espartano e nada convidativo que lhe servia de dormitório desde o dia em que o pai perecera em combate. Como rezara para, depois deste dia, não mais ter de olhar para ele. Nem ser forçada a trabalhar nos campos pavorosos, com os outros órfãos empobrecidos que a Igreja acolhera.

Que, naquele ano, pudesse *finalmente* convencer Brenin Cynfryn de que poderia ser uma guerreira, sem um senhor dragão ao seu lado.

Determinada a manter o seu objetivo, pegou no gasto arco de guerra com a mão enluvada. Contudo, ao fazê-lo, uma recordação indesejada dos anteriores oito anos de insucesso e sofrimento apertaram-lhe a garganta num nó amargo. *Não penses nisso*. O passado não era importante.

Só o dia de hoje.

Hoje seria diferente. Conseguia senti-lo nos seus ossos. O destino repararia por fim nela e recompensaria a sua diligente persistência.

Repararia.

Esperando, desesperadamente, não estar a mentir a si mesma — outra vez —, Edilyn ergueu o queixo. Lançou a aljava de couro castanho por cima do ombro antes de sair da pequena cabana, avançando para o Grande Salão onde todos os habitantes da aldeia se tinham reunido para as celebrações do dia e o teste das armas.

Durante os últimos oito anos, naquele mesmíssimo dia, ganhara todos os jogos em que participara. Todos sabiam que, tal como o pai antes dela, era a melhor arqueira entre eles. A sua perícia com a espada era das melhores do clã — ainda que pudesse ser derrotada pela força, jamais seria ultrapassada em perícia. Até ganhara a corrida de obstáculos.

Oito anos seguidos.

E, ainda assim, Brenin Cynfryn recusara-se a conceder-lhe a liberdade.

Para! A vida não é justa, tu sabe-lo. Não é suposto ser.

Se fosse, os pais ainda estariam com ela.

Recusou-se categoricamente a permitir que os seus pensamentos negativos impugnassem a sua coragem ou minassem a sua confiança, enquanto se aproximava do edifício gigantesco que dominava a pequena cidade.

Nada nem ninguém se iria atravessar no seu caminho. Não desta vez. De uma forma ou de outra, ia provar a todos eles que merecia ser um dos *marchawgion* do *brenin*.

— Sai daqui! Ninguém te quer por perto!

Preocupada com a possibilidade de que aquele grito lhe pudesse ser dirigido, Edilyn abrandou, ao aproximar-se das grandes portas de carvalho

marcadas com dobradiças de ferro ornamentadas. Depois, apercebeu-se de que os dois guardas estavam a empurrar um velho, que envergava trapos sujos e peles empapadas.

— Quantos anos terei de te expulsar, escória?

Com uma obstinação admirável, o velho recusava mexer-se.

— Recebi um convite, tal como os outros. Não está a cerimónia aberta a todos? — A voz do ancião era pouco mais que um sussurro rouco, que provinha das profundezas do seu capuz imundo. De tamanho exagerado e com a forma da cabeça de um urso, o capuz não revelava qualquer traço das suas feições.

— Os pedintes não são bem-vindos. Agora desaparece antes que lance os cães atrás de ti! Não nos importunes mais!

Desta feita, empurraram-no com tanta força que ele teria caído se Edilyn não o tivesse apanhado. Mas a caridade saiu-lhe caro, dado que o choque das costas dele contra si foi bastante doloroso, revelando que ele era muito mais pesado e mais encorpado do que a sua aparência andrajosa e encurvada parecia indicar.

Refreando um grito de dor, Edilyn ajudou-o a recuperar o equilíbrio, antes de se afastar para abordar os guardas.

— Ele tem razão. É dia de S. Jorge. Não devíamos apresentar todos o nosso melhor comportamento? Afinal de contas, o abençoado santo entregou tudo o que tinha aos menos afortunados, antes de morrer. Decerto conseguiremos encontrar uma pitada de caridade para com os que dela necessitam?

O guarda escarneceu.

— Dividirias o teu pão com alguém que cheira pior do que o traseiro de um cavalo?

Antes disso do que um festim com um dragão.

Sabiamente, guardou para si tal pensamento.

Em vez disso, Edilyn dirigiu ao velho, que se mantinha estranhamente silencioso, um sorriso gentil.

— Antes dividir o meu pão com alguém que cheira ao traseiro de um cavalo do que ser uma cavalgada. Os cheiros podem ser lavados. Mas uma cavalgada hoje, será uma cavalgada amanhã.

O guarda fez uma careta, enquanto Edilyn pegava arrojadamente no braço do velho e, desafiando diretamente a crueldade dos guardas, o conduzia ao interior. No entanto, a sua vitória foi curta, pois as palavras de despedida dele atingiram-na como um golpe.

— Por falar em traseiros, percebe-se bem pela ampla dimensão do dela

que nunca lhe faltou uma refeição, nem foi esquisita com o onde ou quando encontra o seu sustento. Já para não dizer com quem.

O outro guarda riu-se da chacota, enquanto ela cerrava os dentes, recusando-se a dar-lhes a satisfação de saberem que aquelas palavras cruéis haviam atingido o seu alvo e deixado mais uma ferida ensanguentada no seu coração.

— Ignore-os, minha senhora. É de longe a mais bela entre os presentes.

Ela sorriu perante a gentileza do velho e deu-lhe uma palmadinha no braço. Coitado, devia ser cego para além de indigente.

— Obrigada, gentil senhor. Mas não sou senhora nenhuma. Apenas a filha de um simples arqueiro.

— Suponho que o seu pai está muito orgulhoso de si.

Aquelas palavras geraram um nó na garganta dela.

— Gosto de pensar que estaria.

— Já faleceu?

— Sim. Quando eu era pequena.

— Lamento ouvi-lo.

Edilyn ofereceu-lhe um sorriso gentil.

— Tal como eu. Era tudo para mim: um homem bom, de disposição alegre e um pai maravilhoso. Sinto muito a sua falta. — O frasquinho no seu colar aqueceu, como sempre fazia quando Virag queria que ela soubesse que estava com ela e que lhe enviava o seu amor e afeto.

Edilyn libertou o braço do velho, para lhe mostrar o seu bem mais valioso em todo o mundo: o seu querido arco.

— Mas deu-me isto antes de a guerra o levar de mim. — Com um sorriso triste, deslizou a mão pelas runas que o seu pai gravara por cima do punho enquanto ela o via trabalhar com olhos ávidos.

— *Minha querida Edilyn?*

Acenando, ela pestanejou para afastar as lágrimas que, de súbito, se apresentavam. Como sentia a falta do pai. Em vez de se tornar mais fácil, a sua perda e ausência doíam mais a cada ano que passava.

O mesmo acontecia com a da sua mãe.

Pigarreou.

— Ele fez pessoalmente o arco com o teixo mais forte que conseguiu encontrar, e depois deu-mo pelo meu aniversário. Como éramos só nós os dois, passávamos horas a praticar. Todos os dias. As mulheres da aldeia costumavam dizer que eu praticava tanto com o arco, que já tinha braços de homem. — O seu sobrolho franziu-se ao recordar as histórias das velhas mulheres

casadas sobre ser de mau agoiro derrubar um teixo. Supostamente, quem a isso se atrevesse morreria passado um ano.

Seria mera coincidência que o pai tivesse perecido no décimo terceiro dia, do décimo primeiro mês depois de se ter atrevido a cortar a madeira para o seu arco? Sempre se perguntara.

Não querendo pensar em algo que, contudo, nunca estava muito longe do seu pensamento sempre que pegava no arco, conduziu o velho a um lugar.

— Descanse e eu irei buscar-lhe algo para comer.

Ainda completamente escondido pelo manto imundo e gasto, ele aceitou.

E enquanto avançava pela sala, ela ouviu numerosas conversas familiares...

Ainda que as estações e os anos mudassem, as pessoas e as suas preocupações eram sempre as mesmas. Ouvira tantas vezes os seus burburinhos chorosos que os podia recitar de memória. E com esse súbito pensamento, teve de refrear uma gargalhada quando uma imagem de Virag a brincar no seu quarto lhe invadiu a mente.

O irmão era tão malandro.

— Achas que ele virá este ano?

— O Drakos Antigo? Não, não é provável. Nunca vem. Dizem-me que não gosta da pompa nem do barulho.

— Ouvi dizer que o *brenin* ofereceu a mão da sua única filha em casamento ao Drakos Antigo, para que se junte às nossas fileiras.

Um outro nobre troçou.

— Eu ouvi dizer que lhe entregaria um dos *filhos* em casamento para o convencer a ser nosso guardião. As suas capacidades são *assim* tão grandes. Dizem que ninguém o pode derrotar.

— Qual filho, qual quê. Ouvi dizer que lhe entregaria os dois testículos.

Riram-se com algo que soava verdadeiro, conhecendo o *brenin*. E explicava a razão de Morla ter envergado uma tão bela e dispendiosa armadura. Sem dúvida esperava cumprir a vontade do pai e chamar a atenção de um dos mais velhos e mais letais dragões do clã. O misterioso Illarion Kattalakis que nunca ninguém vira.

Nem mesmo os dragões. Limitavam-se a sussurrar histórias dele — como se temessem pronunciar o seu nome demasiado alto, não fossem ofendê-lo.

Era mais mito do que realidade. Um feiticeiro sombrio de poder e perícia sem paralelo que odiava a humanidade com um fervor lendário. Mais velho do que o próprio tempo, só abandonava a sua toca cavernosa para caçar aqueles que o enfureciam. E a esses tolos, consumia-os com o seu bafo incendiário.

As histórias que circulavam diziam que guardava os tesouros e as armas ancestrais, forjadas pelos velhos deuses pagãos. Alguns acreditavam até que poderia ser o guardião do Santo Graal. Outros especulavam que fora a serpente que tentara Eva no Jardim do Éden.

Ela nunca tinha conhecido criatura que gerasse especulações mais mirabolantes. Muitos alegavam que seria a inspiração para uma nova história que os godos, os jutos e os wulfings tinham começado a contar e que havia chegado recentemente às suas costas: a história do nobre Beowulf, que tinha sido morto depois de um escravo ter roubado uma taça de ouro do covil de um dragão misterioso. Furioso com o roubo, o dragão tinha arrasado os seus acampamentos, exigindo a devolução da taça encantada e a cabeça do ladrão.

Depois de todas as suas nobres batalhas e vitórias, que incluíam a morte do infame Grendel e da sua mãe, Beowulf tinha por fim sucumbido perante a feroz proeza do dragão.

Algumas histórias alegavam que o godo Beowulf tinha conseguido matar o dragão antes de perecer dos seus ferimentos, mas outros diziam que isso era uma mentira, inventada pelo clã de Beowulf para proteger a sua reputação. Que o dragão tinha reclamado a sua taça e se alimentara com os corações e as cabeças de todos os que haviam participado no roubo.

Fê-la perguntar-se qual seria o verdadeiro aspeto de uma tal besta. Não que a preocupasse. Odiava todos os dragões pelo que tinham feito ao seu pai e ao seu povo. O único dragão bom era um dragão morto. Estava simplesmente curiosa com a criatura que inspirara lendas tão extravagantes.

Nada mais.

Enquanto sonhava acordada acerca do dia que a esperava e de como queria que terminasse — a seu favor, claro —, Edilyn preparou uma travessa para o estranho.

Quando levou a mão a uma taça de hidromel, sentiu um par de olhos furiosos a fitá-la. Ergueu os olhos e viu Morla com uma careta de desagrado perante as roupas contrastantes de Edilyn.

Alta, esguia e com um cabelo tão dourado que parecia ter sido fiado pelas fadas, a nobre donzela baixou os olhos para a travessa.

— Não tens comida em casa?

A amiga de cabelo escuro, *Lady Nesta*, fungou.

— Não é de admirar que seja do tamanho de um homem. Come como três deles.

Irritada com as mulheres mimadas que nunca tinham passado um dia de fome ou provação de qualquer tipo, já para não falar do sofrimento que

assombrara Edilyn durante toda a sua vida, não se deu ao trabalho de corrigir o engano. Não mereciam o seu tempo. Em vez disso, levou a travessa ao seu convidado, que parecia ter estado a observar Morla e Nesta intensamente. Não que ela o culpasse. Eram duas das mulheres mais ricas e mais belas da aldeia, e todos os homens, jovens e velhos, venderiam a alma por uma noite com elas.

Se ao menos não estivessem tão conscientes disso mesmo. E se não tivessem permitido que esse conhecimento lhes enchesse as cabeças exageradamente grandes. Cabeças que, se crescessem mais, encheriam o salão e não permitiriam que as mulheres se erguessem direitas.

Mas isso era um problema delas. Não seu.

Grata por não ter de viver com egos tão grandes e humores tão petulantemente, Edilyn pousou a travessa ao lado do seu novo amigo. Mal recuara quando as portas se abriram para permitir a entrada dos convidados de honra há muito aguardados.

O clã dos dragões.

Os lábios dela reviraram-se involuntariamente quando eles entraram no salão com todas as suas roupagens dispendiosas. As armaduras de couro escuro estavam debruadas a ouro e prata e refulgiam sob a forte luz do Sol que penetrava pelas janelas. Mais belos do que qualquer ser humano, estavam ali para o Winnowing — para escolher os mais belos e nobres guerreiros do seu clã para serem parceiros na guerra.

E na vida.

Era, supostamente, uma grande honra ser-se escolhido por eles. E os homens e mulheres do clã atropelavam-se pela oportunidade e falavam de pouco mais durante o resto do ano. Todos os jovens elegíveis praticavam para aquele dia, na esperança de estarem entre os que eram levados para viver com eles.

Era a última coisa que ela queria.

— Porque tremes assim?

De raiva. Mas não respondeu ao velho. Não podia.

— Tens medo?

— Não — disse, num tom escarninho.

— Nem um pouco?

Ela abanou a cabeça.

— Nem um pouco — disse, repetindo as palavras dele. — Estou apenas preocupada com a *possibilidade* de ser escolhida.

— Como assim?

A dor lacerou-lhe a alma, perante a pergunta inocente, que a forçava a recordar coisas que queria manter enterradas. Mas de que servia? Antes que pudesse impedir-se, a verdade deslizou-lhe dos lábios.

— Todos os anos exhibo as minhas aptidões perante o *brenin*, e venço todos os outros membros do clã.

— Então, qual é o problema? Porque não estás acasalada com um dragão?

— Não quero estar. Prefiro que o *brenin* me escolha como um *marchoges*.

— Mas não para os dragões? Porquê?

— Porque sabe que a Edilyn lhes partiria a coluna e os deixaria aleijados — disse Gryffyth ao passar por eles.

Os amigos começaram a rir-se.

Refreando o desejo de atirar alguma coisa contra o sacana arrogante, Edilyn lançou um olhar furioso ao inútil Gryffyth, enquanto ele e os seus amigos desapareciam por entre a multidão.

Mas não era assim tão insensível.

Virou-se de novo para o velho.

— Não tenho qualquer interesse em ser escolhida pelos dragões. De facto, nunca compareço ao *Winnowing*. Retiro-me antes de este começar. Quero provar o meu valor sozinha. Mas o *brenin* recusa-me. Todos os anos. Só quer *draigogion* no seu exército.

E, por falar nisso, soou o toque para que os participantes se reunissem.

Ela olhou de relance para o seu convidado.

— Precisa de mais alguma coisa, antes que me junte a eles?

— Não, minha senhora. Boa sorte.

— E para si, meu senhor... — O calor invadiu-lhe o rosto quando se apercebeu do rude que fora com ele. — Lamento ter-me esquecido de lhe perguntar o nome. Como fui insensível.

— Não foste outra coisa que não sensível, querida Edilyn. Chama-me Emanon.

— Lorde Emanon. Tem sido um prazer ajudá-lo. — Dirigiu-lhe uma pequena vénia, depois correu a juntar-se aos outros.

Emanon permaneceu em silêncio, enquanto observava Edilyn a abrir caminho entre a multidão. Mais alta até do que muitos dos homens, tinha uma beleza exótica que a destacava dos restantes. Ou talvez fosse o seu gosto pela vida. A sua exuberância inocente perante a negatividade dos outros.

Era um raio de luz que trespassava a sombria tempestade.

Nunca ele vira ninguém tão determinado perante a adversidade. Erguendo-se, manteve-se no limite exterior da multidão para que pudesse

vê-la competir. Como um estandarte de ébano que se agita livremente, o seu longo cabelo preto agitava-se atrás dela, enquanto corria para ocupar o seu lugar ao lado dos outros. O seu rosto estava manchado de vermelho do esforço, enquanto os seios fartos subiam e desciam de excitação.

Sim, tinha um corpo sensual, cheio, que dizia que o seu apetite não era apenas pela vida, mas robusto em todas as coisas.

Várias mulheres cerraram os lábios e reviraram os olhos quando ela se aproximou.

Ela sorriu em resposta e desejou-lhes arrojadamente boa sorte. Era uma rapariga atrevida, jovial, que envergava uma túnica cor de laranja que lhe chegava aos pés. Esta estava entrelaçada de verde e azul que pareciam desaparecer-se ou esborratar-se. Tinha colocado rebentos no cabelo e um elmo com cornos. Emanon não tinha a certeza se ela queria parecer um trasgo embriagado, uma flor desalinhada...

Ou uma vaca ébria que se tinha rebolado nos campos.

E isso forçou-lhe um sorriso raro. Se havia algo que seria capaz de apreciar na vida, era esse grau de desafio perante aqueles que lhe desejassem mal.

— Ele veio contigo?

Emanon semicerrou o olhar para o homem mais próximo dele, ao ouvir a voz rouca do *brenin* a interrogar Tarius Kattalakis. Um raro Katagari Drakos, Tarius era o atual líder daquele grupo, que ali se dirigira para escolher parceiros entre os humanos. Era um ritual de primavera, praticado há décadas e que deixava Emanon doente.

Todos os anos, os Drakos vinham, observavam os humanos, e violavam o decreto dos deuses gregos para o seu povo, escolhendo um parceiro quando sabiam que apenas as Parcas deveriam atribuir-lhes um parceiro para a vida. Era precisamente o tipo de *hubris* que levava a que a sua raça fosse amaldiçoada.

No entanto, os Katagaria Drakos, dado que o seu progenitor Illarion era filho de Ares e tinha sido biologicamente fundido, contra sua vontade, ao príncipe Arcadiano que era neto da deusa Nyx, achavam-se acima disso.

Idiotas.

Illarion jamais interviria a seu favor para os salvar da ira dos deuses. Sinceramente, não tinha maior amor por aquela espécie híbrida, do que tinha pela humanidade. Para dizer a verdade, tentara que o seu irmão os deixasse a todos para morrer, depois da sua criação. A única razão para os Predadores do Homem terem sobrevivido fora a benevolência de Maxis Drago. Era o seu favor que deviam procurar.

Não o de Illarion.

Esse era o único dragão que teria todo o gosto em entregá-los em mãos aos seus inimigos e que se ria quando eles jazessem ensanguentados aos seus pés. O filho de Ares não queria saber daquelas criaturas. Nem das suas raças ou das suas guerras. Não sentia qualquer obrigação em relação a eles.

E jamais sentiria.

Ardam no Tártaro, sacanas...

A forma como tratavam Edilyn era precisamente a razão por que Illarion não sentia qualquer amor pela humanidade. O problema dos seres humanos era serem tão poucas vezes humanos. E aqueles cuja genética fora cruzada com a dos animais eram ainda piores. Em vez de se tornarem melhores, tinham mergulhado num nível completamente novo de violência.

Emanon cerrou os dentes, enquanto se preparava para sair, para não ter de suportar nem mais um momento a sua vil presença e, no entanto, o seu olhar regressou a Edilyn.

Esta esfregava o frasquinho pendurado num cordão que usava em redor do pescoço, e fez um sorriso que o encantou como nunca nada o encantara. Maldição. Sentia-se sem fôlego.

Pior? Acelerava-lhe o sangue e incendiava-lhe um desejo interior de provar aqueles lábios. Pela primeira vez, na sua vida excepcionalmente longa, desejou provar carne humana para algo mais do que uma refeição rápida e sangrenta.

Sentia fome por ela.

Pelo Hades?

E os homens à sua frente continuavam a falar.

— Não, não está aqui. Mas não temas. Somos mais do que capazes de proteger a tua aldeia e povo.

— Não recebeu ele a oferta para casar com a minha filha?

Tarius suspirou.

— Não é isso. Dizem que é estéril.

— Ouvi dizer que é louco — acrescentou Bracis. — Sendo o primeiro da nossa espécie, não conseguiu lidar bem com a transição de animal para homem. Ainda que tenha sobrevivido fisicamente, quebrou mentalmente.

— É uma pena. — O *brenin* deixou escapar um suspiro cansado. — Os nossos inimigos estão cada vez mais arrojados e mais fortes. Perdemos metade dos nossos melhores guerreiros na última batalha.

— Bem, agora estamos aqui e cuidaremos de tudo. — Tarius virou a

cabeça para os concorrentes. — Quem é a morena desleixada que está sempre a ganhar?

— Edilyn?

— Sim. Vem todos os anos. — Fungando, Tarius dirigiu um sorriso a Bracis. — É resistente, não é?

O *brenin* abanou a cabeça.

— Suponho que esteja à espera de que algum de vocês a leve, porque nenhum homem dos meus a quer.

— Porquê?

— É órfã e não tem propriedades. Não tem dote. Não tem família. Tudo o que tem neste mundo é aquele velho arco de guerra que leva consigo. Patético, na realidade.

E, no entanto, ela, que tão pouco tinha, mostrara mais gentileza do que qualquer um dos restantes. A última coisa que isso fazia dela, aos olhos de Emanon, era patética.

Enquanto a via correr contra os outros, o seu respeito por ela cresceu. Faziam tudo o que podiam para a fazer tropeçar, afastar do seu caminho ou desviar do seu objetivo.

Edilyn não cedia, nem tropeçava. Firme e determinada, corria com a cabeça erguida e mantinha o olhar fixo no seu objetivo, sem pensar nos outros ou nos truques que usavam para prejudicar o seu trajeto. Nada nem ninguém a podiam impedir.

No final, cruzou a meta em primeiro lugar. Bem à frente dos restantes.

Já há muito, muito tempo que não via uma coragem tão intrépida. Em vez de lhe darem os parabéns pelo feito alcançado apesar do mau comportamento deles, fitaram-na furiosos. O ódio crescia de tal maneira que o conseguia sentir, como uma criatura viva, a deslizar pelo ar à volta de todos eles. Os pelos na parte de trás do seu pescoço eriçaram-se perante um mal tão tangível.

Ainda assim, ela prosseguiu com uma graciosidade determinada. Chegando mesmo a olhar de relance para ele, sorrir e acenar.

Chocado por aquele gesto inesperado, ficou de boca aberta e sentiu uma peculiar agitação dentro do seu estômago. Uma que não fez mais do que alimentar a sua fome. Não fazia ideia do que seria aquilo. Nunca antes sentira nada assim.

Limpendo a transpiração da testa, Edilyn foi buscar o arco, para a última ronda dos jogos. Ele não deixou de reparar na maneira como as suas feições exóticas se suavizaram ligeiramente quando a mão tocou na madeira.

Sim, era-lhe particularmente querido.

Mordendo os lábios num gesto encantador, que traía a incerteza que sentia, deslizou os dedos da mão enluvada pela gravura que o pai fizera, como se esta a reconfortasse. Depois, assumiu o seu lugar à frente do alvo e preparou cuidadosamente a seta. Segurou o arco e a seta, virados para baixo, ao lado da perna, enquanto aguardava pacientemente pela sua vez.

Um a um, os arqueiros lançaram as suas setas.

Quando chegou a sua vez, Edilyn ergueu os braços com uma precisão de mestre que provinha de vários anos de experiência.

— Tu consegues — sussurrou ela, tão baixo que ele tinha a certeza de ter sido o único a ouvi-la.

Mas quando puxou a corda para libertar a seta, o impensável aconteceu.

O arco partiu-se ao meio. A parte de cima, juntamente com a seta, caiu ao chão, enquanto a parte de baixo permanecia na sua mão, presa pelo fio.

— Não! — As lágrimas encheram-lhe os olhos, ao perder a última coisa que a ligava ao pai.

A imaculadamente vestida Morla emitiu um som de censura.

— Que pena. Mas também, ninguém te ia escolher. Ninguém estava sequer a ver. — Depois, lançou a sua própria seta.

Emanon deu um passo involuntário na direção de Edilyn, antes sequer de se ter apercebido. No entanto, sabia que ninguém lhe poderia oferecer qualquer conforto pelo que acabara de acontecer.

Pelo que aquela cabra rica lhe havia tirado, de forma rude e desnecessária, sem qualquer atenção às consequências ou compaixão.

Morla tinha estalado o precioso arco de Edilyn para a afastar da competição porque sabia que não tinha a perícia para vencer. Porque não queria investir os anos necessários a aprender. Nem queria saber o que roubava aos outros. Tudo o que lhe importava era conseguir o que *ela* queria. Para o diabo com o resto.

Como se atrevia?

De súbito, um grito forte ecoou. Mal este se silenciou, a multidão à sua volta irrompeu num violento ataque. Os mantos foram despidos por soldados que ali haviam entrado disfarçados de celebrantes.

Morla e os restantes humanos que estavam a competir para se tornarem parceiros dos dragões correram a esconder-se.

Mas que grandes guerreiros e que grande demonstração de perícia. Aquilo dizia muito acerca da sua leal bravura.

A única que se manteve firme foi Edilyn.

Apoderando-se do arco que Morla abandonara, colocou a aljava às costas e começou a fazer pontaria aos seus inimigos. Inimigos que iam rapidamente abrindo caminho por entre os dragões Kattalakis e o povo do *brenin*.

Espantado e impressionado, Emanon observou Edilyn proteger destemidamente os idiotas que a haviam tratado com tanta crueldade. Porquê? Não conseguia imaginar. Pessoalmente, tê-los-ia deixado a todos a arder. Os únicos que alguma vez protegera tinham sido os seus irmãos e irmã.

Mais ninguém merecia uma só gota do seu sangue.

Essa sempre fora a sua firme posição e o seu juramento.

Até ter visto o golpe fatal dirigido às costas de Edilyn. Um golpe que ela jamais poderia ver, dado que estava concentrada noutros. Nesse momento rápido e vital, tomou uma decisão que sempre jurara jamais ser a sua.

Lançando-se para salvar uma vida humana, assumiu a sua verdadeira forma de dragão.

Edilyn estacou quando o dragão enorme, maciço a rodeou. Com uma cabeça gigante, cheia de espinhos, formou uma parede de escamas de um laranja amarelado que ondulava e tremeluzia sob a luz do dia. Aterrorizada, pensou que ele a estava a atacar.

Contudo, em vez de a atacar, libertou uma torrente de fogo sobre aqueles que haviam entrado na aldeia. Com um silvo feroz, agitou a cauda e baixou uma longa asa negra na direção dela. *Sobe a bordo, minha senhora Edilyn.*

Ela ficou de queixo caído ao reconhecer a voz profunda que já não tinha a cadência de um velho.

— Emanon?

Os olhos serpentinos e amarelos dele suavizaram-se, ao mesmo tempo que lhe dirigia um sorriso envergonhado. *Illarion, minha senhora. E será uma honra servir-te.*

Mal o seu nome verdadeiro foi pronunciado telepaticamente, os inimigos correram para os portões em retirada.

Mas Illarion não o iria permitir. Mal Edilyn se instalou na segurança das suas costas, ele perseguiu-os e assegurou-se de que jamais voltariam a ameaçar o povo dela.

Edilyn agarrou-se com força às suas escamas, sentindo os músculos dele ondular por baixo das pernas e das coxas. Por artes mágicas, tinha aparecido uma sela e rédeas, juntamente com um arnês que a mantinha presa de modo a garantir que nada a separaria da sua montada. Era como se tivesse sido ali fundida.

O medo e o respeito pelo imenso poder do dragão misturavam-se no

seu interior, enquanto o observava a reduzir, sem esforço, os seus inimigos a cinzas. Ela sustinha a respiração, espantada, tremendo e rezando para que ele jamais libertasse sobre ela a sua raiva.

Não precisas de me temer, Edilyn.

Ela não tinha assim tanta certeza. E embora sempre tivesse feito pouco dos poderes do Drakos Antigo e os tivesse considerado uma fantasia, perguntava-se agora quantas dessas histórias seriam verdadeiras.

Pelos céus, ele era exatamente o que tinham dito. Os seus poderes maiores do que os de qualquer dragão que ela alguma vez vira.

Uma vez destruídos os seus inimigos, quase sem qualquer esforço da sua parte, regressaram ao campo dos arqueiros e ele permitiu que ela desmontasse das suas costas. Os corpos dos feridos e dos mortos rodeavam-nos. Toda a área estava mergulhada no caos, enquanto as pessoas procuravam encontrar os seus entes queridos ou oferecer auxílio.

Embora ela se ressentisse frequentemente do modo como a tinham tratado ao longo dos anos, Edilyn não sentia alegria alguma por ver assim o seu povo. Como poderia alguém regozijar-se com a dor dos outros? Procurar magoar quando isso não era necessário? Nunca compreendera a crueldade pela crueldade.

O que haveria de errado nas pessoas?

Ali, à sua frente, Illarion abandonou a forma de dragão e assumiu a de um homem. Só que, desta vez, não era nem velho nem encurvado.

Era glorioso.

Com um arquejo, ela ergueu o olhar para um par de olhos azuis prateados que irradiavam inteligência e calor. Nunca ela vira olhos daquela cor. E estavam num rosto que mostrava a mais absoluta perfeição masculina. Um maxilar firme, esculpido, maçãs do rosto altas e um nariz aquilino. Mas o melhor eram os lábios que não troçavam nem escarneciam dela. O longo cabelo acobreado escuro caía livremente com exceção de algumas finas tranças enfeitadas com penas.

— Ficaste ferido no combate? — perguntou ela.

Nunca por um ser humano.

Um arrepio percorreu-lhe as costas quando se apercebeu de que a sua voz não lhe saía dos lábios. Antes falava com ela através dos seus pensamentos. Não era de admirar que se mantivesse completamente tapado. Devia estar a disfarçar o facto de o velho não estar a falar de verdade, antes a telegrafar os seus pensamentos.

Com uma ternura que contrastava com o tamanho e a força que tinha,

limpou a humidade do rosto dela, enquanto ela chorava pelo seu arco partido. O olhar dele escureceu de curiosidade, enquanto demorava o polegar sobre os lábios dela.

— Espera! — O *brenin* apressou-se a avançar. — Agarraste na mulher errada. Essa não é a minha filha. Morla é bela e rica. É ela quem procuras.

Illarion lançou um olhar irritado para o homem muito mais pequeno, enquanto afastava a mão do rosto dela. *Não vim até aqui por uma falsa princesa com um coração mirrado e uma alma insensível que não conhece o valor de nada, para além do seu sentido de amor-próprio exagerado.*

Edilyn franziu o sobrolho perante o desdém na sua voz.

— Então, o que procuravas?

De um modo muito draconiano, inclinou a cabeça para olhar de relance para os seus irmãos Drakos, depois para o *brenin*. *Nada. Na verdade, todos os anos venho divertir-me, esperando o mesmo, e todos os anos sou expulso por idiotas que nunca deixam de confirmar a minha fraca opinião acerca da humanidade. É sempre um jogo para mim, ver o quão baixo descem.*

Revirou o lábio para Morla. *A promessa de uma princesa não me atraiu de forma alguma, pois são criaturas vaidosas e inúteis, cuja única preocupação são as suas próprias necessidades mesquinhas. Não preciso de tal incómodo.*

Depois, Illarion virou-se de novo para Edilyn e os cantos dos seus lábios ergueram-se ligeiramente. *Em vez disso deparei-me com a mais rara das visões. O seu olhar fixou-se no dela e a sinceridade naqueles profundos olhos azuis lançou um arrepio pelo corpo dela. Encontrei a mais bela rainha, que sabe o que quer e não tem medo de proteger os que a rodeiam. Que vê o que está à sua volta e não é cega aos sentimentos dos outros, ou ao seu valor. Já ando sobre esta terra há mais de dez mil anos, minha senhora. Nunca eu vi outra igual a ti, em coração ou forma. E se me quiseres, ainda que te seja repugnante e nojento, juro que serei para sempre o teu fiel criado.*

Com aquelas palavras, entregou-lhe o arco que o pai com tanto carinho lhe fizera e que Morla danificara e tão cruelmente tentara destruir na sua violenta vanglória.

Plenamente restaurado.